



E se a primeira
impressão estiver
completamente
errada?

O PROJETO

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

VI KEELAND

TOP
SEL
LER

CAPÍTULO 1

Evie

— Eu, hum, estava a comer cerejas. — Baixei o olhar para a minha blusa manchada e desculpei-me com um sorriso. — Eu petisco quando estou nervosa, e hoje passei por uma banca de fruta que tinha cerejas Bing. São a minha fraqueza. Apesar de perceber agora que comê-las quinze minutos antes de uma entrevista não foi a minha melhor ideia.

As rugas na testa da mulher tornaram-se mais vincadas. Em sua defesa, a minha blusa tinha mais do que uma ou duas manchas de cereja. Para ter qualquer hipótese de salvar esta entrevista, tinha de me adiantar e tentar fazê-la rir com a verdade.

— Deixei cair uma cereja — continuei. — Saltitou e sujou-me em três sítios antes de a conseguir apanhar. Tentei tirar a nódoa na casa de banho, mas isto é seda e não estava a sair. Por isso, tive a brilhante ideia de fazer parecer que era um padrão. Ainda tinha algumas cerejas, por isso mordi-as e tentei replicar as marcas. — Abanei a cabeça. — Obviamente, não resultou muito bem, mas, por essa altura, as minhas opções eram ir comprar uma blusa nova e chegar atrasada, ou tentar fazer parecer que era propositado. Pensei que não se notaria assim tanto... Parece que estava enganada.

Suspirei devagar.

A mulher aclarou a garganta.

— Pois, bem... Porque não começamos a entrevista, sim?

Forcei um sorriso e cruzei as mãos no colo, apesar de sentir que já tinha sido rejeitada.

— Isso seria ótimo.

Vinte minutos depois, estava de volta à rua. Pelo menos ela não me fez desperdiçar muito tempo. Conseguiria ir buscar mais algumas daquelas cerejas deliciosas e ainda teria tempo de comprar uma blusa nova antes da minha última entrevista da semana. Isso deixou-me mais animada.

Depois de voltar a passar pela banca de fruta, entrei no metro. Arranjaria uma blusa nova no caminho, algures entre a estação de metro e o meu compromisso seguinte.

Mas, duas paragens depois, parámos abruptamente e não saímos do sítio durante quase uma hora. O homem sentado à minha frente estava constantemente a olhar para mim. A certa altura, procurei na mala algo com que me pudesse abanar, porque o metro começava a ficar bastante quente. Ele baixou o olhar para o telemóvel e depois levantou-o para mim, duas ou três vezes. Tentei ignorá-lo, mas tinha uma boa suspeita do que aí vinha.

Alguns momentos depois, ele inclinou-se para a frente.

— Desculpe, mas a menina é aquela noiva, não é? — Virou o telemóvel para que eu pudesse ver o vídeo que desejava que não existisse. — Aquela que deu cabo do casamento?

Não era a primeira vez que era reconhecida, apesar de já se ter passado um mês ou dois desde a última vez, levando-me a esperar que a loucura já tivesse acalmado. Pelos vistos, não. As pessoas sentadas à nossa volta começaram a prestar-nos atenção, por isso fiz o que tinha de fazer para evitar ser bombardeada com perguntas se admitisse a verdade: menti com todos os dentes que tinha.

— Não, não sou eu. Mas várias pessoas já me disseram que podia ser irmã gémea dela. — Encolhi os ombros. — Dizem que toda a gente tem um sósio algures por aí; pelos vistos, ela é a minha. — Depois de uma pausa, acrescentei: — Mas quem me dera que fosse eu. Ela é incrível, não é?

O homem desviou o olhar de novo para o telemóvel e depois de novo para mim. Não parecia acreditar numa única palavra do que eu tinha dito, mas pelo menos deixou-me estar.

— Ah, sim, claro. Desculpe o incómodo.

Uma hora depois, o metro voltou finalmente a andar. Ninguém se dera ao trabalho de anunciar o que quer que fosse sobre o atraso. Quando finalmente consegui sair, tinha apenas cerca de vinte minutos antes de a minha entrevista começar, e ainda tinha vestida a mesma blusa com manchas de cereja. E... tinha deixado cair mais algumas quando as comi compulsivamente, devido ao calor dentro da carruagem. Por isso, apressei-me escadas acima para sair da estação de metro, esperando encontrar algo apresentável para usar a caminho da entrevista.

A alguns edifícios do local, encontrei finalmente uma loja com artigos de roupa para homem e mulher na montra. Uma vendedora com um forte sotaque italiano ofereceu-me ajuda assim que entrei na Boutique Paloma.

— Olá. Por acaso tem uma blusa de seda creme? Ou branca? Ou... — Abanei a cabeça e olhei para baixo. — No fundo, qualquer coisa que fique bem com esta saia?

A mulher observou a minha blusa. Agradeço-lhe por não ter reagido. Em vez disso, assentiu com a cabeça e eu segui-a até uma prateleira de onde tirou três blusas de seda diferentes. Qualquer uma delas funcionaria. Aliviada, perguntei onde ficavam os provadores e ela acompanhou-me ao fundo da sala. Mas, quando alguém a chamou da caixa registadora, apontou para a porta e disse-me algo que era uma mistura de italiano e inglês. Assumi que seria «venho já ter consigo», mas pronto. Não parecia muito importante.

Dentro do provador, olhei para o meu reflexo no espelho. Os meus lábios brilhavam com um vermelho vibrante. O meio quilo de cerejas que comera no metro devia tê-los manchado.

— *Merda* — murmurei, esfregando a boca, mas aquilo não ia sair antes da entrevista. Felizmente, os meus dentes tinham sido poupados.

As malditas cerejas tinham sido uma péssima ideia. Também não tinha tempo de lidar com mais nada, por isso abanei a cabeça, tirei a blusa arruinada e peguei numa das blusas do cabide. Antes de a vestir, ocorreu-me que talvez me devesse refrescar um pouco. A carruagem quente do metro não me deixara nada revigorada. Agarrei na mala e tirei de lá uma toalhita velha de um restaurante a que fora há umas semanas. Felizmente, ainda estava húmida. Um cheiro cítrico pairou no ar quando levantei o braço direito para limpar, e perguntei-me se esse cheiro ficaria na minha pele. Curiosa, baixei a cabeça e cheirei. E era exatamente nessa posição que estava quando a porta do provador se abriu de repente.

— Mas que...? — O homem do outro lado começou a fechar a porta, por instinto, mas parou a meio com as sobranceiras franzidas. — O que é que está a fazer?

E é claro que, porque o meu dia não podia ser mais merdoso, o homem tinha de ser lindo. Os seus deslumbrantes olhos verdes apanharam-me de surpresa, mas rapidamente recuperei o bom senso quando percebi que ainda tinha o braço levantado e ele acabara de me ver *a cheirar a axila*.

Atrapalhada, cruzei as mãos por cima do meu sutiã de renda.

— Isso importa? Saia daqui! — Estiquei o braço para a frente e fechei a porta, que roçou o intruso. — Vá à procura do provador dos homens! — gritei.

Por baixo da porta, conseguia ver os sapatos brilhantes do homem. Não se mexiam.

— Para sua informação — soou a sua voz rouca —, este *é* o provador dos homens. Mas vou deixá-la lavar os sovacos em paz.

Quando os sapatos brilhantes finalmente desapareceram, soltei um suspiro. Este dia tinha mesmo de acabar. Mas ainda me faltava uma entrevista, para a qual me atrasaria se não me despachasse. Nem sequer me dei ao trabalho de limpar a outra axila antes de experimentar a primeira blusa. Felizmente, servia, por isso voltei a vestir a minha adorável blusa e, enquanto a enfiava na saia, corri para a caixa.

Esperava ver o homem que entrara no provador algures, mas felizmente não estava em lado nenhum.

Enquanto esperava que a vendedora registasse a minha compra, olhei para trás, na direção do provador, e reparei que a porta para a qual eu achara que a funcionária tinha apontado estava, na verdade, ao lado de outra. E essa outra porta dizia «Mulheres» por cima. Aquela por onde eu entrara estava claramente assinalada com «Homens».

Merda. *Perfeito.*

A blusa custou-me cento e quarenta dólares: cerca de cento e vinte dólares a mais do que aquela que substituii, comprada na Marshalls. Uma vez que, hoje em dia, esse valor era o suficiente para esvaziar a minha conta bancária, precisava mesmo de conseguir este último trabalho, cuja entrevista era dali a apenas uns minutos. Por isso, apressei-me para o edifício, que era perto, fiz uma troca de roupa à Super-Homem na casa de banho do átrio, penteei o cabelo com os dedos e coloquei uma camada extra de batom nos lábios, já demasiado vermelhos, para disfarçar as manchas de cereja.

O elevador até ao trigésimo quinto andar foi tão rápido como a viagem de metro. Parava em quase todos os andares para deixar entrar e sair pessoas, por isso peguei no telemóvel e fui ver os e-mails para evitar preocupar-me com um atraso de um ou dois minutos. Infelizmente, isso acabou por ser ainda mais desmotivador, uma vez que tinha recebido mais duas rejeições de vagas para as quais enviara o meu currículo, incluindo a entrevista que acabara de ter. *Fantástico.* Senti-me completamente derrotada, especialmente porque sabia não ter as qualificações necessárias para a vaga para a qual ia agora ser entrevistada, mesmo que a Kitty tivesse posto uma cunha em meu nome.

O elevador apitou no meu andar e eu respirei fundo para me recompor antes de sair. Tinha acabado de pôr um pé fora do elevador quando a réstia de calma que mantivera voou porta fora. A dupla porta alta de vidro com letras douradas e chiques a anunciar a Crawford Investments intimidou-me — e muito. Lá dentro, a receção era ainda

pior, com tetos altos, paredes brancas adornadas com arte colorida e vibrante, e um gigante candelabro de cristal. A mulher atrás da secretária também parecia mais uma modelo do que uma rececionista.

Sorriu com os seus lábios cheios de *gloss*.

— Posso ajudá-la?

— Sim, tenho uma entrevista às cinco com o Merrick Crawford.

— O seu nome, por favor?

— Evie Vaughn.

— Vou avisá-lo de que já chegou. Pode sentar-se.

— Obrigada.

Enquanto me encaminhava para os confortáveis sofás brancos, a mulher chamou-me:

— Menina Vaughn?

Virei-me.

— Sim?

— Tem... — Ela gesticulou por cima do ombro, para as suas costas.

— ... a etiqueta de fora.

Estiquei o braço, Tateando até a encontrar, e arranquei-a.

— Obrigada. Sujei a blusa que vesti esta manhã, por isso tive de comprar uma nova antes de vir.

Ela sorriu.

— Graças a Deus que é sexta-feira.

— Sem dúvida.

Poucos minutos depois, a rececionista conduziu-me pelo santuário de gabinetes. Quando chegámos ao proverbial gabinete de canto, estavam dois homens lá dentro, envolvidos numa espécie de duelo de gritos. Nem sequer pareceram dar por nós. O gabinete inteiro era de vidro, por isso conseguia vê-los frente a frente enquanto discutiam. O mais baixo estava a ficar calvo e falava animadamente com as mãos. De cada vez que gesticulava com os braços, exibia as enormes manchas de suor nas axilas. O mais alto era decididamente o chefe, a julgar pela sua postura. Estava de pés afastados e braços cruzados sobre o peito largo. Não conseguia ver todo o seu rosto, mas, de perfil,

parecia que alguma da confiança que emitia vinha de ser extremamente atraente.

— Se não gostas... — grunhiu finalmente o chefe —, a porta da rua é serventia da casa.

— Tenho meias mais velhas do que este miúdo! Que tipo de experiência é que ele tem?

— A idade é um número com o qual não me importo. É outro o número que importa aqui: o *lucro*. O dele tem dois Algarismos e o teu está na merda pelo terceiro trimestre consecutivo. Até as coisas melhorarem, todas as tuas transações têm de ser aprovadas pelo Lark.

— Lark... — Ele abanou a cabeça. — Até o nome me irrita.

— Bem, vai irritar-te para outro lado.

O homem baixo grunhiu algo que eu não consegui ouvir e virou-se para sair. Limpou o suor do rosto corado e marchou até à porta, abrindo-a e passando por nós como se nem ali estivéssemos. Dentro do gabinete, o chefe caminhou para a sua secretária. Pelos vistos, éramos invisíveis.

A rececionista sorriu-me compreensivamente antes de bater à porta.

— O que foi?!

Ela abriu um pouco a porta e espreitou para dentro.

— A candidata para a sua entrevista das cinco está aqui. Pediu-me que a trouxesse.

— Ótimo. — Ele franziu o sobrolho e abanou a cabeça. — Diz-lhe que entre.

Aparentemente, o neto da Kitty não herdara o seu feitio agradável.

A rececionista estendeu a mão com um sorriso hesitante.

— Desculpe — sussurrou. — Boa sorte.

Dei alguns passos no gabinete palaciano. Quando a porta de vidro se fechou atrás de mim e o homem ainda não me tinha cumprimentado ou sequer olhado para mim, tive uma vontade súbita de dar meia-volta e correr lá para fora. Mas, enquanto ali estava a ponderar fazer exatamente isso, o Sr. Maldispuesto perdeu a paciência.

Manteve-se de costas para mim ao arrumar algo na sua estante.

— Vai sentar-se ou preciso de uma lata e de um fio para a entrevistar?

Semicerrei os olhos. *Que idiota.* Não tinha a certeza se foi do dia que tivera ou se foi a atitude dele que me fez perder a compostura, mas de repente já não queria saber se conseguia o emprego. O que quer que acontecesse *aconteceria*. O lado positivo do momento em que deixamos de nos preocupar com vencer ou perder é que retira ao jogo toda a pressão.

— Se calhar estava a dar-lhe um minuto, na esperança de que ficasse mais bem-disposto — respondi.

O homem virou-se. A primeira coisa que captou a minha atenção foi o seu sorriso. Mas quando os meus olhos se levantaram para encontrar os dele e consegui ver pela primeira vez aquele verde vibrante, quase caí para o lado.

Não.

A sério?

Nem pensar.

Não pode ser.

O neto da Kitty é o gajo dos provadores?

Queria rastejar para um buraco qualquer.

Mas, enquanto eu morria de humilhação em silêncio, o homem que há quinze minutos me apanhara a cheirar a minha própria axila seguiu a sua vida.

O Merrick estendeu a mão para a cadeira em frente à secretária:

— Tempo é dinheiro. Sente-se.

Ele não se lembra de mim? Será possível?

Depois da interação que o vira ter com o funcionário, não me parecia ser o tipo de homem que não diz o que lhe passa pela cabeça.

Talvez ele não tenha visto bem a minha cara... Eu tinha fechado a porta bastante depressa. E encontrava-me apenas de sutiã; agora estava completamente vestida.

Ou se calhar... Estaria eu errada e ele não era o homem da loja? Acho que não. Apesar de, pelos vistos, eu não ser memorável, este

homem tinha um rosto impossível de esquecer: maxilar esculpido, maçãs do rosto proeminentes e imaculadas, pele bronzeada, lábios carnudos e pestanas escuras e espessas que enquadravam uns olhos verdes praticamente translúcidos. Olhos esses que me fitavam como se eu fosse a última pessoa que ele queria no seu gabinete.

Ele pôs as mãos nas ancas.

— Não tenho o dia todo. Vamos lá despachar isto.

Uau. *Que simpático*. Ele soava tão entusiasmado quanto eu com a perspectiva de trabalhar para ele. Ainda assim, eu tinha feito um enorme esforço para estar aqui, por isso, mais valia terminar a minha terrível semana com mais uma rejeição e alinhar nisto.

Avancei até à secretária e estendi-lhe a mão.

— Evie Vaughn.

— Merrick Crawford. — Cruzámos o olhar enquanto apertávamos as mãos, e continuei sem ver qualquer sinal de reconhecimento: nem do provador, nem como amiga da sua avó.

Tanto faz. A Kitty tinha-me metido cá dentro, o resto dependia de mim.

O meu currículo estava no centro da sua enorme secretária de vidro. Pegou nele e inclinou-se para trás na cadeira.

— O que é a Boxcar Realty?

— Ah, é uma empresa sem fins lucrativos que comecei há uns anos. É mais um *hobby* do que outra coisa, mas passei uma boa parte dos últimos seis meses a trabalhar nisso a tempo inteiro, enquanto estava entre trabalhos como terapeuta. Não queria excluir isso do currículo e mostrar uma lacuna na minha experiência profissional.

— Portanto, despediu-se da sua última posição como terapeuta há seis meses e não trabalhou por conta de outrem desde então?

Assenti com a cabeça.

— Correto.

— E a Boxcar está, de alguma forma, envolvida no mercado imobiliário?

— É uma empresa de alojamentos locais. Sou proprietária de alguns alojamentos não-tradicionais que arrendo no Airbnb.

O Merrick franziu o sobrolho.

— Não tradicionais?

— Bem, é uma longa história, mas eu herdei alguns terrenos no Sul que são excelentes para caminhadas e para fugir à cidade. Não tinham nenhuma estrutura e eu não queria estragar o terreno ao construir casas, por isso construí um espaço para *glamping* e duas casas na árvore, que arrendo.

— Um espaço para... *glamping*?

— É acampar, mas feito com um pouco mais de *glamour*. Significa...

— Já ouvi o termo *glamping*, menina Vaughn — interrompeu Merrick. — Estou só com dificuldades em entender o que tem isso que ver com ser terapeuta.

Argh. Não estamos a começar da melhor maneira. Sentei-me um pouco mais direita.

— Bem, não tem nada que ver diretamente... a não ser que considere que a maior parte das pessoas a quem arrendo o espaço procuram um escape dos seus trabalhos stressantes. É um projeto que me apaixona. Todos os lucros vão para instituições de solidariedade social. Depois de sair do meu último emprego, tirei o tempo de que precisava para fazer crescer a empresa. — Inclinei-me para a frente e apontei para o meu currículo. — Se olhar para a experiência anterior a essa, verá o meu percurso como terapeuta.

O Merrick estudou-me por um momento antes de voltar a baixar o olhar para o papel.

— Esteve empregada na Halpern Pharmaceuticals. Fale-me do que fazia.

— Acompanhava e tratava pacientes envolvidos em ensaios clínicos para antidepressivos e medicamentos para a ansiedade.

— Então todos os pacientes eram tratados com medicação?

— Bem, não. Algumas pessoas recebem placebos nos ensaios clínicos.

— Estas pessoas trabalhavam em ambientes stressantes?

— Algumas. Eram pessoas de todos os tipos. Mas todas sofriam de depressão e ansiedade.

O Merrick passou o polegar pelo lábio.

— Assumo que seriam pessoas à procura de medicação porque a terapia tradicional não seria eficaz.

Assenti com a cabeça.

— Correto. Todos os participantes tinham de ter pelo menos um ano de terapia para serem candidatos viáveis para o ensaio. Os estudos levados a cabo pela Halpern focavam-se em saber se era possível a medicação ajudar uma pessoa que não mostrara sinais de melhoria com a terapia.

— E a medicação funcionou?

— Nas pessoas que acompanhei, sim.

Merrick recostou-se na cadeira.

— Portanto, a única experiência que tem é a trabalhar com pessoas que não respondem à terapia e precisaram de medicação para melhorar. Estou correto?

Franzi o sobrolho. *Deus, ele é mesmo arrogante.*

— Infelizmente, nem toda a gente se dá bem só com terapia. Muitas das pessoas que acompanhei viram melhorias. Contudo, devido ao ensaio duplo-cego, não consigo dizer quantas pessoas recebiam placebo e melhoraram apenas com o meu acompanhamento. Tenho a certeza de que foi o caso de algumas.

Ele atirou o meu currículo para cima da mesa.

— Eu giro uma sociedade corretora. Pergunto-me se posso parar de reportar a taxa de rentabilidade que a minha empresa ganha aos seus clientes. Deve ter sido bom não ter de se preocupar com alguém a medir o sucesso dos seus esforços.

Senti o meu rosto a aquecer.

— Está a insinuar que não fiz o meu trabalho porque ninguém sabia dizer se era o meu acompanhamento ou a medicação que ajudava as pessoas a melhorar?

Os olhos dele brilhavam.

— Eu não disse isso.

— Não com essas palavras, mas insinuou-o. Eu acompanho todos os pacientes da mesma forma, o melhor que sei, quer alguém esteja a ver, quer não. Diga-me, Sr. Crawford: se os seus clientes não pudessem, de facto, ver a taxa de rentabilidade, faria o seu trabalho de forma diferente? Se calhar não se empenharia tanto?

O fantasma de um sorriso espreitava-lhe nos lábios, como se ele estivesse a gostar de ser um parvalhão. Depois de alguns momentos a fitar-me, aclarou a garganta.

— Estamos à procura de alguém com experiência no acompanhamento de pessoas que trabalhem num ambiente stressante, *antes* de recorrerem à medicação.

Percebi que não importava o que eu dissesse depois de ter entrado naquela sala. E que eu não estava com paciência para mais humilhações, ainda para mais quando era claro, pela atitude dele, que eu não conseguiria o trabalho.

Por isso, levantei-me e estendi-lhe a mão.

— Obrigada pelo seu tempo, Sr. Crawford. Boa sorte com a sua procura.

O Merrick arqueou uma sobancelha.

— A entrevista já terminou?

Encolhi os ombros.

— Não vejo razão para continuar. Deixou bastante claro que a minha experiência não é aquilo que procura. E disse que tempo é dinheiro, e eu tenho a certeza de que já o fiz perder o quê... uns mil ou dois mil dólares?

Aquele sorriso gozão que ele tinha antes voltou a dar um ar de sua graça. Os seus olhos passearam pelo meu rosto antes de ele se levantar e me apertar a mão.

— Pelo menos vinte mil. Sou muito bom no que faço.

Tentei afastar a mão, mas ele apertou os meus dedos com mais força. Puxou-me de repente, inclinando-me sobre a secretária. Depois, inclinou-se também. Por um segundo, pensei que ia tentar beijar-me.

Mas, antes que o meu coração pudesse voltar a bater, ele desviou-se para a esquerda e o seu rosto foi para o meu pescoço, onde inspirou profundamente. Depois, limitou-se a soltar a minha mão, como se nada tivesse acontecido.

Pestanejei algumas vezes ao endireitar-me.

— O que... o que foi isso?

O Merrick encolheu os ombros.

— Pensei que, como não vai trabalhar para mim, não seria assédio se a cheirasse.

— Se me cheirasse?

Ele enfiou as mãos nos bolsos das calças.

— Estava curioso desde o provador.

Arregalei os olhos.

— Oh, meu Deus. Eu sabia que era você! Porque é que não disse nada antes?

— Pareceu mais divertido não dizer. Queria ver como se comportava. Parecia que estava a ponderar fugir quando entrou. Mas recuperou bastante bem.

Semicerrei os olhos.

— Não admira que precise de ajuda com o nível de stress dos seus funcionários. Costuma brincar com as pessoas só por diversão?

— E você costuma esconder-se em provadores e cheirar as suas axilas?

Franzi o sobrolho e semicerrei ainda mais os olhos. O Merrick parecia divertido.

— Fique a saber que estava a limpar-me porque fiquei presa... — Abanei a cabeça e grunhi. — Sabe que mais? Não interessa.

Respirei fundo e recordei a mim própria que era uma profissional e que, às vezes, o melhor era ignorar e seguir em frente. Ajustei a saia e endireitei-me.

— Obrigada pelo seu tempo, Sr. Crawford. Espero bem que não nos voltemos a encontrar.

CAPÍTULO 2

Evie

— Parece-me que as entrevistas de hoje não correram muito bem.

Servi-me das últimas gotas da garrafa de vinho, já quase vazia, e entreguei-a à minha irmã.

— Meu Deus, o que é que te poderá ter dado essa ideia?

A Greer tirou outra garrafa da prateleira de vinhos e sentou-se à minha frente, à mesa da cozinha, com um saca-rolhas.

— Porque é que não podíamos ter nascido ricas, em vez de só bonitas e inteligentes?

Ri-me.

— Porque não somos parvalhonas. Juro, toda a gente que já conheci que tem tudo, dinheiro, cabeça e beleza, é também uma enorme idiota. — Beberiquei o meu vinho. — Como o homem que me entrevistou esta tarde: lindo de morrer. Os olhos dele eram claros e as pestanas tão escuras e espessas que era impossível não olhar. É dono de um dos mais bem-sucedidos fundos especulativos de Wall Street, mas é um enorme idiota arrogante.

A Greer fez muito barulho ao tirar a rolha da garrafa, e o cão dela, o *Buddy*, apareceu a correr. Era o único som pelo qual ele se levantava. Podiam tocar à campainha ou bater à porta, que ele não saía da sua cama. Mas abria-se uma garrafa de vinho e era como se tivesse sido treinado por Pavlov. Ela estendeu-lhe a rolha para que a pudesse lamber, e ele deliciou-se.

Abanei a cabeça, observando-os.

— O teu cão é estranho.

Ela coçou-lhe o topo da cabeça enquanto ele lambia a rolha.

— Ele só gosta de tinto. Já reparaste no olhar que me deita quando vem a correr e percebe que se levantou para nada porque é vinho branco?

Ri-me e servi à Greer um copo cheio de Merlot.

— Vamos voltar ao homem lindo, rico e arrogante que conhecestes hoje — disse ela. — Parece horrível. Achas que há alguma hipótese de ele querer fazer uma doação à tua irmã?

A Greer e o marido estavam, neste momento, à procura de um dador de esperma, depois de cinco anos a tentar engravidar. Aos 39, era quase dez anos mais velha do que eu e começava a sentir o relógio biológico a dar horas. Tinham feito quatro rondas de fertilização *in vitro* com o esperma do Ben, porque os nadadores dele tinham problemas de mobilidade. Mas não tinham tido sorte. Recentemente, tinham desistido e decidido procurar um dador.

— Tenho quase a certeza de que tens mais hipóteses de conseguir o esperma dele do que eu tenho de conseguir o trabalho.

— O que aconteceu? Outra vez a resposta de não teres a experiência que procuram?

Suspirei e assenti com a cabeça.

— Honestamente, a culpa é minha. Nunca devia ter aceiteado o trabalho na farmacêutica da família do Christian. É um setor demasiado específico e as pessoas não confiam nada em ensaios clínicos atualmente, por isso, ficam com má impressão minha por ter estado envolvida nisso. Além disso, foi estúpido entrelaçar toda a minha vida com um só homem.

A minha irmã deu-me leves palmadinhas na mão.

— Mantém-te de cabeça erguida. Para a semana tens a entrevista com o neto da Kitty, não tens? Talvez essa corra bem.

— Hum... o idiota arrogante de que acabei de te falar? *Ele* é o neto da Kitty.

A nossa avó e a Kitty Harrington tinham sido melhores amigas durante quase trinta anos. Viviam uma ao lado da outra, na Georgia, até a minha avó falecer, há quatro anos. Quando decidi fazer o meu doutoramento na Emory, em Atlanta, mudei-me para casa da minha avó e tive a oportunidade de conhecer melhor a Kitty. Quando a minha avó morreu, após uma breve batalha contra o cancro no meu último ano de faculdade, eu e a Kitty apoiámo-nos uma à outra e temos sido próximas desde então. Não importava que tivéssemos quase cinquenta anos de diferença. Considerava-a uma boa amiga. Mesmo depois de voltar para Nova Iorque para o meu estágio, nunca perdemos o contacto. Visitava-a pelo menos uma vez por ano e falávamos ao telemóvel quase todos os domingos.

Os olhos da Greer arregalaram-se.

— Oh, uau. Pensei que essa entrevista fosse para a semana. Não acredito que o neto da Kitty foi um parvalhão tão grande para ti, sabendo quão próximas vocês as duas são.

Bebi o meu vinho e abanei a cabeça.

— Sabes, não chegámos a falar da Kitty. Ele não era o tipo de pessoa que desperdiça tempo com conversa de circunstância. Mas depois de sair do escritório, percebi que é possível que ele não soubesse quem eu era. Seria de esperar que ele pelo menos o mencionasse, não?

— Porque é que não o mencionaste tu?

Encolhi os ombros.

— Foi um dia de loucos. Na verdade, cruzei-me com ele numa loja perto do escritório, antes da entrevista, e tivemos... um pequeno incidente. Fiquei muito atrapalhada e depois ele foi duro comigo, ao questionar as minhas qualificações. Percebo que talvez não seja a *melhor* candidata, mas porque é que me convidou para a entrevista se não achava que eu tinha as qualificações básicas?

— Estou mesmo surpreendida. A Kitty é uma senhora tão doce.

— Pois é. Mas também tem um lado maroto. Nunca conseguia perceber se estava a brincar ou não por causa daquele sorriso torto. — Abanei a cabeça. — Percebi que eles tinham isso em comum: um sorriso impossível de decifrar.

— Vais contar-lhe que ele foi um idiota contigo?

Enruguei o nariz.

— Não quero que ela se sinta mal. Além disso, ela anima-se sempre mais quando fala dele.

— Bem... — A minha irmã apertou-me a mão. — Tudo acontece por uma razão. Aposto que há algo maior e melhor à tua espera. E mesmo que demores algum tempo a encontrá-lo, não tens de ir a lado nenhum. Podes ficar connosco o tempo que precisares.

Sabia que ela estava a falar a sério, e eu tinha gostado de passar tempo com a minha irmã e o marido desde que me mudara, mas estava ansiosa por ter o meu próprio espaço.

— Obrigada.

Nessa noite, deitada na cama e incapaz de adormecer, virava-me para um lado e para o outro, como fazia na maioria das noites desde que a minha vida se virara de pernas para o ar. Num único dia, perdera o meu noivo, a minha melhor amiga, o meu emprego e o meu apartamento. Como se isso não bastasse, o meu discurso de casamento — em que expusera o caso do Christian e da Mia — tinha-se tornado viral. Tal como o vídeo que mostrara deles na cama, na *suite* nupcial, na noite antes do casamento. Da última vez que verificara, o «vídeo porno do noivo e da melhor amiga da noiva maluca» tinha mais de um bilião de visualizações — é um B de *bilião*, não um M de *milhão*. Até os meios de comunicação tradicionais tinham pegado na história, e tinha demorado mais de um mês para que o interesse da Internet morresse, de forma lenta e dolorosa. Depois, mesmo quando pensava que era seguro respirar de novo, o Christian e a família tinham-me processado por fraude e apropriação indevida de capital, alegando que eu os fizera pagar um casamento dispendioso para me vingar de algo de que já sabia há muito tempo. Como se ter sido envolvida em toda esta situação ridícula não fosse suficiente, quando a imprensa descobriu, a loucura começou de novo. Os *paparazzi* tinham acampado à porta do prédio da minha irmã durante dias. A que estado chegou o mundo, que nem podes dar cabo do teu casamento sem que um *bilião* de pessoas se metam?

Uma vez que não conseguia dormir, peguei no telemóvel, que estava em cima da mesa de cabeceira, e comecei a fazer *scroll*. Não encontrando nada que me chamasse a atenção, cometi o erro de abrir o e-mail. Tinham chegado mais duas rejeições desde a última vez que o abrira, esta tarde. Suspirando, preparei-me para o desligar. Mas depois reparei num e-mail que me tinha escapado. Chegara há duas horas e o nome do remetente decididamente captou a minha atenção:

Joan_Davis@CrawfordInvestments.com

Era provável que fosse outra rejeição. Ainda assim, abri-o.

Estimada Sra. Vaughn,

Obrigada pela disponibilidade para falar connosco sobre a posição de terapeuta de stress. O Sr. Crawford selecionou os candidatos que avançam para a próxima fase e gostávamos de a convidar para uma segunda entrevista no escritório.

Por favor, indique-me a sua disponibilidade para a próxima semana.

Com os melhores cumprimentos,

Joan Davis

Diretora de Recursos Humanos

Pestanejei algumas vezes, certa de que tinha lido mal. Mas não, uma segunda leitura confirmou que eu estava, de facto, a ser convidada a voltar. Deve ter sido a excelente primeira impressão que causei enquanto cheirava a axila.

CAPÍTULO 3

Merrick

— Sr. Crawford? — A minha assistente, a Andrea, espreitou para o gabinete enquanto eu almoçava com o Will. — Desculpe interromper, mas os Recursos Humanos pediram-me para lhe perguntar se tem tempo para reunir com um dos candidatos para a função de terapeuta.

Abanei a cabeça.

— Não preciso de falar com os candidatos. Já dei a minha opinião à Joan. Eles estão a tratar da segunda ronda de entrevistas e depois dizem-me o que acham quando terminarem.

— Parece que uma das candidatas perguntou se podia falar consigo depois da entrevista com os Recursos Humanos. Mas a entrevista dela está a começar agora e eu sei que não gosta de ter nada marcado quando o mercado está aberto.

— Que candidata?

— A Evie Vaughn.

Inclinei-me para trás na cadeira com uma gargalhada.

— Claro, porque não?

Ela assentiu com a cabeça.

— Vou avisá-la.

O Will ergueu o queixo assim que a Andrea fechou a porta.

— O que foi esse sorrisinho?

— Uma das candidatas à posição de terapeuta é bastante *interessante*.

— De que forma?

— A primeira entrevista dela foi na semana passada e era só às cinco, então, quando o mercado fechou, aproveitei para passar na Paloma para ir buscar um fato que tinha comprado e pedido para ser ajustado. Depois de sair da loja, pensei que me tinha esquecido do telemóvel no provador, por isso voltei atrás. Quando abri a porta, estava lá uma mulher.

— Odeio esses sítios que têm provadores mistos.

— Na verdade, este sítio tem provadores separados. A mulher estava no provador dos homens. Mas essa nem é a melhor parte. Quando entrei, ela estava seminua... e a cheirar a axila.

O Will ergueu as sobrancelhas.

— Repete lá isso.

— Tu ouviste-me. Enfim, uns minutos depois, a pessoa que vou entrevistar chega e é ela. A mulher do provador.

— A cheira-axilas? Estás a gozar. O que é que fizeste?

— Nada. Fingi que não a reconhecia, apesar de ela me ter reconhecido, sem dúvida. Conseguia vê-la a contorcer-se toda.

— Merdas destas só te acontecem a ti, meu amigo. E então? Como correu a entrevista?

— Era a candidata menos qualificada. Nem sequer sei como é que o currículo dela chegou à lista de candidatos chamados para entrevistas.

— E, ainda assim, hoje está de volta para uma segunda entrevista.

— De facto, está.

O Will abanou a cabeça.

— O que me está a escapar?

— Quando cheguei a casa nessa noite, comecei a pensar em como a administração me está a forçar a criar este cargo. Mandaram-me contratar alguém, não que esse alguém fosse competente.

O Will sorriu.

— Genial.

Abanei a cabeça.

— Não foi suficiente oferecer-me para pagar terapia a quem quisesse ir. Tiveram de me forçar a aceitar uma posição interna e a tempo

inteiro, e exigir que todos os funcionários fossem acompanhados, durante o horário de trabalho, pelo menos uma vez por mês. Preciso que a minha equipa esteja focada e implacável quando aqui está... não a entrar em contacto com as suas emoções.

— Entendo.

Quando estávamos a terminar o almoço, a Andrea voltou e bateu à porta. A Evie Vaughn estava mesmo atrás dela. O seu cabelo loiro ondulado hoje estava apanhado, e usava um saia-casaco preto simples com uma blusa vermelha por baixo, dando-lhe o ar de bibliotecária sexy com que todos os homens sonham pelo menos uma vez na vida. Tentei ignorar que o facto de que vê-la mexia comigo e forcei-me a olhar para baixo.

A Andrea espreitou para dentro do gabinete.

— Precisa de mais tempo?

Olhei para o Will.

— Precisamos de falar de mais alguma coisa?

Ele abanou a cabeça.

— De que me lembre, não. Faço a compra da Endicott assim que as ações ficarem a quarenta.

— Ótimo. — Virei a minha atenção para a Andrea. — Por favor, peça à menina Vaughn que entre.

O Will foi-se embora, lançando-me um sorriso comprometido por cima do ombro ao passar pela Evie.

Quando a porta se fechou, ela deu alguns passos em frente, depois hesitou.

— Obrigada por me receber.

Assenti com a cabeça e indiquei as cadeiras para as visitas do outro lado da secretária.

— Sente-se.

— A sua assistente mencionou que, normalmente, não aceita reuniões quando o mercado está aberto.

— Não, não aceito. — Encostando-me para trás, juntei os dedos num triângulo. — O que posso fazer por si, menina Vaughn?

— Chame-me Evie, por favor. E... bem, estava com esperança de que me pudesse esclarecer algo.

— Esclarecer o quê?

— Porque é que estou aqui? Quero dizer, para uma segunda entrevista. Deixou bastante claro, na primeira entrevista, que não achava que eu tivesse a experiência certa para o cargo, e eu não lhe dei a melhor das primeiras impressões naquele provador. Por isso... porque é que estou aqui outra vez?

Cruzei os braços sobre o peito e pensei sobre como responder. A resposta politicamente correta seria dizer que reconsiderarei baseado na maneira como ela se comportara durante a entrevista. Mas eu nunca fora acusado de ser profissional ou politicamente correto.

— Tem a certeza de que quer a resposta verdadeira? Às vezes, é melhor não sabermos e simplesmente aceitar o resultado.

Ela cruzou os braços sobre o peito, imitando a minha postura.

— Talvez, mas gostava de saber, de qualquer maneira.

Gostava da coragem dela. Foi um desafio impedir-me de sorrir.

— Foi chamada de volta porque é a candidata menos qualificada que entrevistámos.

O rosto dela desabou e eu senti uma pontada de culpa, mesmo que ela tenha dito que queria a verdade.

— Porque é que faria isso?

— Porque contratar uma terapeuta a tempo inteiro para os meus empregados lidarem com o stress não foi ideia minha. O conselho de administração está a obrigar-me a fazê-lo.

— É um problema não ter sido ideia sua?

— Eu emprego cento e vinte cinco pessoas cujo trabalho é darem-me ideias. — Abanei a cabeça. — Não, eu não tenho um problema com a autoridade, menina Vaughn.

Ela franziu os lábios.

— Doutora... é *doutora* Vaughn. Prefiro que me chamem Evie, mas se insiste em usar um tratamento formal, mais vale usar o título correto. Tenho um doutoramento em Psicologia Clínica.

Dessa vez, não consegui evitar o sorriso. Assenti com a cabeça.

— Certo. Não, eu não tenho problemas com a autoridade, *doutora Vaughn*.

— Então está contra a contratação no geral, e quer escolher a pior pessoa para marcar uma posição?

Assenti com a cabeça uma vez.

— Pode dizer-se que sim.

— É contra a terapia?

— Acredito que algumas pessoas possam beneficiar de terapia.

— Algumas pessoas? Mas não os seus funcionários? Acha que os seus funcionários não se sentem stressados no local de trabalho?

— Isto é Wall Street, menina... *doutora Vaughn*. Se não fosse um trabalho stressante, o salário médio não seria de sete dígitos. Apenas prefiro que a minha equipa esteja focada quando está no escritório.

— Alguma vez considerou que pode estar a olhar para as coisas ao contrário? Tirar uma hora do dia para falar com alguém não é o que interrompe o foco de uma pessoa stressada. Eles já não estão focados por causa do nível de stress. A terapia pode ajudar uma pessoa a concentrar-se melhor.

— Fica registado que existe mais do que uma maneira de ver as coisas. — Estudei-a por um momento. — Há mais alguma coisa que queira perguntar? Ou chegámos ao ponto da conversa em que me diz que espera que não nos voltemos a ver?

Ela sorriu timidamente.

— Peço desculpa por isso. Não foi algo apropriado para se dizer.

Encolhi os ombros.

— Está tudo bem. Acredite ou não, já fui acusado de ser inapropriado uma vez ou outra.

Ela riu-se ao pôr-se de pé.

— Meu Deus, nunca pensaria isso do homem que me cheirou durante a minha entrevista. — A Evie estendeu a mão. — Obrigada pelo seu tempo. E pela honestidade.

Assenti com a cabeça e apertei-lhe a mão.

— Mais uma coisa. Espero que não se importe que abuse da minha sorte e lhe faça uma sugestão.

Arqueei uma sobrancelha.

— Mal posso esperar por ver o que aí vem...

Ela sorriu.

— Se tem de contratar alguém, porque não contratar a melhor pessoa possível? Os seus funcionários merecem-no, e nunca se sabe, o resultado pode surpreendê-lo.

*

Nessa noite, a minha diretora dos Recursos Humanos, a Joan Davis, acenou-me ao passar pelo meu gabinete. Parecia estar de saída. Abri a porta e chamei-a.

— Desculpa, Joan?

Ela parou e virou-se.

— Sim?

— Posso fazer-te uma pergunta?

— Claro. O que se passa?

— Porque é que escolhemos entrevistar a Dra. Vaughn?

A testa dela enrugou-se.

— O senhor enviou-me um e-mail e pediu-me que a chamasse.

— Não, não me refiro à segunda fase. Refiro-me à primeira entrevista. Os outros candidatos tinham todos mais experiência, por isso estava só curioso com o que te fez escolhê-la da primeira vez.

A ruga entre as suas sobrancelhas tornou-se mais funda.

— Eu estava a referir-me à primeira entrevista. Pediu-me que a incluísse quando começámos o processo de contratação.

— *Eu* pedi que a incluísse? Nunca a tinha conhecido antes do dia da entrevista.

— Mas disse-me que a sua avó poderia recomendar alguém para o cargo e, quando o currículo dela chegasse, para a incluir na primeira fase de entrevistas.

— Achei que esse currículo nunca tinha chegado. A mulher que a minha avó conhece é... — Fechei os olhos. — Merda. Evie é o diminutivo de Everly, não é?

A Joan assentiu com a cabeça.

— Pensei que sabia de tudo isto. Ela escreveu na carta de apresentação que tinha sido referenciada pela Kitty Harrington. Estava incluída no currículo que lhe enviei.

Não me tinha dado ao trabalho de ler as cartas de apresentação. Normalmente eram só tretas, apenas uma desculpa para usarem palavras-chave irritantes.

— Deve ter-me escapado.

— Ah. Pois, peço desculpa. Devia tê-lo referido antes de começar as entrevistas.

Abanei a cabeça.

— Está tudo bem. Foi culpa minha. Boa noite, Joan.

*

Ao final do dia, decidi ligar à minha avó. Eram quase nove quando cheguei a casa, mas ela era uma pessoa noctívaga. Além disso, já lhe devia ter ligado antes, algo de que estava certo que ela não me deixaria esquecer. Por isso, servi-me de dois dedos de whisky e peguei no telemóvel.

— Bem, bem, bem... — disse ela assim que atendeu. — Estava a começar a pensar que ia ter de apanhar um avião e ir aí dar-te umas palmadas.

Sorri. Não demorou muito.

— Desculpa, avó. Passou demasiado tempo. O trabalho tem estado uma loucura.

— Ah, isso é tudo treta e tu sabes.

Ri-me.

— Como estás?

— Provavelmente como tu, mas melhor.

Tinha mesmo saudades desta mulher.

— Tenho a certeza que sim. Que novidades contas? Ainda estás com aquele Charles?

— Oh, querido, já passou mesmo demasiado tempo. Já me livrei do Charles há pelo menos dois meses. Agora estou com o Marvin.

— O que aconteceu com o Charles?

— Ele jantava às quatro da tarde, usava chinelos fora de casa como se fossem sapatos e não gostava de viajar. Tenho 78 anos. Não tenho tempo para coisas aborrecidas. Já te disse que somos da família da Ava Gardner?

— A Ava Gardner era atriz, não era?

— Uma excelente atriz! Sempre teve uns lábios carnudos e enormes. É provavelmente de onde vem esse teu beicinho.

A minha testa enrugou-se. A minha avó já estava a meio caminho e eu ainda estava preso no cruzamento.

— O que é que a Ava Gardner tem que ver com o Charles?

— Nada. Ela é uma das minhas novas descobertas no Ancestry.

— Ah... — Quase me esquecera do passatempo da minha avó. Ao longo dos últimos dois anos, traçara mais de seis mil conexões no Ancestry. Todas as semanas, fazia uma chamada no Zoom com quem quer que fosse o familiar distante que estivesse disposto a falar com ela. Alguns até conhecia em pessoa. Aquela mulher nunca ficara parada um único dia da sua vida. Caraças, só passaram cinco anos desde que se reformou do centro de acolhimento para vítimas de violência doméstica que criou, e mesmo assim volta uma vez por semana, como voluntária.

— Então, qual é a nossa ligação à Ava? — perguntei.

— O bisavô do meu pai, por isso, o meu trisavô, era primo em primeiro grau da bisavó dela.

— Esse ramo da árvore genealógica é demasiado afastado para os meus lábios virem dela.

— Temos genes fortes. Deus sabe que a tua teimosia vem de há pelo menos cinco gerações.

Tinha a certeza de que a mulher do outro lado da linha tinha teimosia suficiente para outras cinco gerações.

— O que tens feito ultimamente, além de não me ligares para ver se não morri? — questionou ela. — Ainda andas atrás de modelos em vez de procurares a mãe dos meus bisnetos? Já não vou para nova, sabes? Seria bom se pudesses começar o quanto antes.

— Estou ocupado a gerir o meu negócio, avó.

— Disparate. A vida deu-te limões. Para de os chupar e faz limonada. Depois vai à procura de uma rapariga que tenha vodka.

Sorri, mas estava decididamente na altura de mudar de assunto.

— Escuta, queria falar-te sobre a Evie Vaughn.

— Ah, a Everly. Nunca consegui habituar-me a chamar-lhe Evie.

— Aparentemente, ela prefere Evie.

— Calculei que fosse ela a verdadeira razão para a tua chamada. Ela disse-me que se conheceram na semana passada.

Merda.

— O que é que ela disse?

— O costume. Que eras tão elegante como eu lhe disse e muito educado e profissional.

Educado, hem? A minha avó dizia sempre o que tinha a dizer. Ela teria dado cabo de mim se soubesse que eu tratara a Evie daquela forma. Estava grato à doutora Vaughn por ter omitido o que acontecera entre nós.

— Ela é bem bonita, não é?

— A Evie é uma mulher linda, sim.

— Boa prateleira, também — acrescentou.

Isso eu sabia sem sombra de dúvida, depois de a ver no provador. Mas não ia ter uma conversa com a minha avó sobre as mamas de ninguém.

— Não sei. Estava a entrevistá-la, não estava embasbacado a olhar para ela.

— Ótimo. Adoro-te. És o meu neto favorito. Mas a última coisa de que a minha Everly precisa é de um viciado em trabalho com

problemas em comprometer-se. Oferece-lhe só o trabalho, não uma voltinha na montanha-russa do Merrick.

— Em primeiro lugar, eu sou o teu *único* neto, por isso é bom que seja o teu favorito. E em segundo lugar, não tenho problemas em comprometer-me.

— Hum, hum. Portanto, vais dar o trabalho à minha miúda ou não? Ela teve um ano difícil com o fim do relacionamento e aquele vídeo estúpido e tudo o que aconteceu.

— Vídeo estúpido?

— Ouves alguma coisa do que eu te digo? Eu falei-te disso. Provavelmente já foi há seis meses. Na semana a seguir à minha cirurgia à vesícula, para ser exata. Foi por isso que não consegui ir ao casamento.

Agora que ela falava nisso, lembrava-me de que ela devia ter ido a um casamento, mas tinha tido um problema na vesícula e, em vez disso, eu tinha ido ter com ela para a cirurgia.

— Eu lembro-me do casamento... Então eles acabaram? A Evie cancelou o casamento?

— Não foi bem assim. Na véspera do grande dia, a Everly descobriu que o noivo andava enrolado com a madrinha de casamento dela. Em vez de o deixar, ela casou-se com ele e depois, no copo d'água, mostrou o vídeo dele e da amante a dançar o mambo horizontal, antes de se ir embora. De alguma forma, o mundo inteiro conseguiu ver o vídeo por causa do raio da Internet. Ela anulou o casamento na semana a seguir.

Foda-se. Lembrava-me vagamente de a minha avó me contar essa história, e até me lembro de ver uma parte do vídeo nas notícias. Mas ainda não tinha feito a ligação.

— Não tinha percebido que era a mulher que eu estava a entrevistar.

— Pois. Mas espero que não a julgues por isso. Foi preciso muita coragem para ela fazer o que fez.

— Claro que não — respondi-lhe.

Falámos durante mais dez minutos. Depois de desligarmos, peguei no portátil e escrevi na barra de pesquisa do Google: «Everly Vaughn desastre de casamento».

Não tinha prestado atenção ao vídeo quando começou a aparecer em todo o lado no início deste ano, mas, assim que carreguei no primeiro resultado que apareceu na pesquisa, vi que era a Evie, sem dúvida. E o raio da coisa tinha muitas visualizações. A imagem inicial era a cara dela enquanto falava para um microfone, vestida de noiva. Carreguei no *play* e assisti ao vídeo inteiro de boca aberta. Não conseguia acreditar que esta era a mesma mulher que eu mal entrevistara, a mesma mulher do provador. Quando o vídeo terminou, carreguei no botão para o ver uma segunda vez. Mas, quando a noiva apareceu no ecrã, carreguei no botão de pausa e observei-a como deve ser.

A Evie — a Dra. Everly Vaughn — estava deslumbrante no vestido justo de renda sem alças. O seu cabelo estava penteado da mesma forma que as mulheres penteavam nos anos 40, com suaves ondas loiras a emoldurarem-lhe o rosto. Os óculos de bibliotecária sexy que ela usara das duas vezes que a vira tinham desaparecido, fazendo os seus grandes olhos azuis parecerem ainda maiores. Caraças... Ela era mesmo linda.

Agitei o gelo no meu copo quase vazio com os olhos colados ao ecrã. Da primeira vez que vira o vídeo, concentrara-me no noivo — tentando perceber se ele fazia a mínima ideia do que estava prestes a acontecer. Decididamente não, e fez com que vê-lo receber exatamente aquilo que merecia fosse ainda mais prazeroso. Mas desta vez foquei-me na noiva. E, apesar de quão bonita estava, agora conseguia ver a dor nos seus olhos. Lembrou-me desta tarde, quando fora sincero sobre o porquê de ela ter sido chamada para uma segunda entrevista — exceto que a dor tinha sido multiplicada por mil.

Carreguei no *play* e vi a Evie pegar no microfone e pedir a atenção de toda a gente. Aproximando a imagem, reparei que as mãos dela tremiam. Há alguns meses, quando o vídeo fora notícia, descartara-o como se se tratasse de uma noiva maluca. Mas agora via as coisas de forma diferente. Engolindo o resto do líquido âmbar no meu copo, dei-lhe o crédito devido por se defender a si própria. A minha avó tinha razão. Foi preciso ter coragem para fazer o que ela fez, mostrar

as suas emoções num espaço cheio de pessoas e expor duas pessoas que ela amava. Quando o vídeo chegou à parte em que o noivo e a melhor amiga dela começavam a fazê-lo, fechei o portátil e olhei através da janela para Manhattan.

Evie Vaughn. A mulher avançou com um casamento só para dar cabo dele no copo d'água. Não me parecia que ela soubesse lidar muito bem com o próprio stress. Sem mencionar que ela própria parecia demasiado... corajosa, inteligente, o tipo de mulher que chamava as pessoas à atenção quando achava que devia, quer fosse no seu próprio casamento ou numa entrevista com um possível empregador. Ela era sexy como o caraças, especialmente quando se mostrava destemida. Sim, a Dra. Vaughn era *exatamente* o tipo de empregado de que eu *não* precisava, mesmo num cargo que eu não queria. A minha empresa já tinha pessoas determinadas suficientes.

E, ainda assim, não a tinha conseguido tirar da cabeça nos últimos dias.

O que era parvo.

Só parvo.

Sabia o que tinha de fazer para cortar o mal pela raiz. Por isso, fui buscar o e-mail que os Recursos Humanos me tinham enviado depois de entrevistarem os candidatos finais e reli-o antes de responder.

Sr. Crawford,

Entrevistei os dois candidatos que selecionou para uma segunda entrevista. Ambos se saíram bem, foram capazes de partilhar diferentes estratégias que implementariam para lidar com o stress, e tinham claramente feito os seus trabalhos de casa sobre o setor. Contudo, o Dr. Wexler tem mais experiência em acompanhamento individual com foco na ansiedade e no stress. Assim sendo, recomendo que se faça uma proposta de emprego ao Dr. Wexler.

Por favor, diga-me se quiser debater mais o assunto ou se, pelo contrário, prefere reabrir a vaga para encontrar novos potenciais candidatos.

Com os melhores cumprimentos,
Joan Davis

Durante vinte minutos fiquei apenas ali sentado, a olhar para o ecrã. A lista de razões para não contratar a Evie Vaughn nunca mais terminava. Até os Recursos Humanos recomendavam outro candidato. Ainda assim...

Eu era o tipo de homem que muitas vezes seguia o instinto em vez da lógica. Na maioria das vezes, corria-me bem. E, por alguma razão, não conseguia afastar a sensação de que rejeitar a Evie Vaughn seria um erro — e não apenas porque a minha avó não ficaria feliz. Apesar de, honestamente, não poder dizer que a minha inclinação para a candidata menos qualificada era apenas por razões profissionais. Algo naquela mulher se entranhara em mim. Razão pela qual eu deveria seguir o conselho da minha diretora de Recursos Humanos. Ainda assim, em vez de responder à Joan, voltei a abrir o YouTube e carreguei no *play*. *Mais duas vezes*.

Eventualmente, abanei a cabeça. *Isto é só estúpido*. Por que raio estava a perder tempo a ruminar sobre quem seria contratado para um cargo que eu nem queria na minha empresa?

Por isso carreguei em «Responder» e comecei a escrever:

Joan,
Por favor, envia uma proposta a...

ELE QUER VER-ME FALHAR, MAS EU NÃO VOU DAR-LHE ESSA SATISFAÇÃO!

Conheci o Merrick Crawford numa entrevista de emprego. Bem, para ser rigorosa, falei com ele — ou melhor, gritei com ele — pela primeira vez vinte minutos antes, quando entrou de rompante num provador onde eu estava a experimentar uma blusa para substituir a que tinha acabado de sujar. Claro está que nunca me passou pela cabeça que aquele homem tão irritante fosse o meu potencial futuro chefe.

Durante a entrevista, achei que ele não me tinha reconhecido... até fazer uma piada pouco simpática que me fez perceber que sim. Depois disso, a esperança de conseguir o emprego tornou-se nula, portanto, quando recebi um e-mail a chamar-me para uma segunda conversa, fiquei genuinamente surpreendida.

Decidi então perguntar ao Merrick porque é que estava a considerar sequer a minha candidatura, depois de um início tão desastroso. E a resposta daquele presunçoso deixou-me de queixo caído! Afinal, ele queria contratar-me porque achava que eu era a candidata *menos* competente, para assim poder provar ao conselho de administração que o cargo que — contra a sua vontade — lhe tinham exigido que criasse, não era nada relevante.

Eu não queria trabalhar num sítio em que as expectativas do meu chefe se traduziam no meu fracasso, mas achei que poderia ser divertido demonstrar que ele estava errado. E foi assim que comecei a desenvolver um novo projeto... o projeto chefe!



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller_editora
 topseller.ed
 penguinlivros

ISBN: 978-989-596-390-4



9 789895 963904